

O povo Kanamari

Os Kanamari chamam a si mesmos *Tukuna* ou *Tâkuna*¹, termo que significa “gente”. Os Kanamari originalmente moravam nos tributários do alto-médio rio Juruá, no estado do Amazonas, onde a maioria deles ainda vive. Eles também se estabeleceram nas proximidades de afluentes desse rio, como no alto Itaquaiá, afluente do Javari, e ainda em regiões mais distantes, como no médio Javari e no Japurá. Estão hoje situados em diferentes Terras Indígenas (TIs): na TI Vale do Javari, onde ocupam os rios Curuçá, Javari, Itaquaiá e Jutaí; na TI Mawetek contígua ao sul da TI Vale do Javari e que compreende os tributários da margem esquerda do médio Juruá; a TI Kanamari, situada nos tributários da margem direita do Juruá, rio abaixo da cidade de Eirunepé; e duas pequenas áreas no Japurá, Maraã e Parana do Paricá. Existem duas comunidades Kanamari no município de Carauari-AM, Taquara² e Boana³, com as quais o COMIN de Carauari tem frequentemente contatos. Essas comunidades vieram do rio Xerua, município de Itamarati-AM, onde existem duas aldeias Kanamari na TI Kanamari⁴ e Curabi⁵, bem perto da TI Deni. O último censo dos Kanamari, feito pela Funasa em 2006, estimou 1.654 pessoas. Os Kanamari falam uma língua da família lingüística Katukina.

O primeiro ciclo da borracha na Amazônia, a partir de meados do século XIX, causou a redução dos territórios, a diminuição das populações indígenas e a desorganização de suas instituições sociais. Os povos indígenas sofreram “correrias”, expedições punitivas que eram organizadas pelos patrões seringalistas, que assim pretendiam eliminar tais obstáculos ao avanço das atividades extrativistas.

Já no final daquele século, a exploração da borracha estendia-se por toda a bacia do Juruá. Não havia sequer um rio ou um igarapé fora do raio de ação dos seringueiros. Aliando resistência e adaptação. Os povos indígenas Kanamari, Kulina e Deni conseguiram sobreviver à forte dominação da empresa seringalista. Em certa medida, integraram-se ao sistema extrativista e submeteram-se às relações de aviamento, um tipo de comércio no qual os patrões dos seringais e os marreteiros entregam mercadorias em troca da produção de borracha. Nesse tipo de comércio tanto os seringueiros quanto os indígenas nunca conseguiram seus débitos com os patrões.

Apesar das adversidades que o século XX lhes trouxe, em particular a presença crescente e violenta de não-indígenas, na época da borracha, os Kanamari vêm conseguindo manter a riqueza e complexidade de sua língua, mitologia e rituais. Dois rituais, duas festas grandes, são muito importantes para o povo Kanamari: o *Pidah-pah, Ritual da Onça*, que marca a etapa final do período de luto e o *Kohana-pah*, ritual em que os Kanamari recebem a visita dos mortos.

Os Kanamari se dividem em subgrupos que recebem o nome de um animal seguido pelo sufixo *dyapa*, que antes eram associados a rios específicos e seus afluentes. Eles conhecem um número razoável de subgrupos nomeados, mas dizem que sempre pode haver mais subgrupos nos limites do território. Assim, a sociedade Kanamari não se concebe de forma totalizada, mas em sua fragmentação, pluralidade e dispersão. Os Kanamari constituem uma população intensamente móvel, a qualquer momento suas aldeias podem se encher de visitantes, alguns que ficarão por mais tempo, outros que partirão em seguida. A mobilidade Kanamari serve assim a dois propósitos: ela acaba por aparentar pessoas que eles afirmam que antes não deveriam se aparentar, e também resiste a esse processo, levando pessoas que estão se aparentando para longe, na busca

Os Kanamari, conforme os seus mitos, foram criados pelo herói cultural Tamah. Os outros

¹ Os professores Kanamari preferem escrever o nome do seu povo assim, querendo destacar algumas diferenças na pronúncia e na ortografia em relação aos seus parentes do município de Eirunepé-AM.

² 76 pessoas, fonte: professores da oficina da elaboração do livro em 2007

³ 15 pessoas, fonte: professores Kanamari, 2007

⁴ Flexal, 130 pessoas, fonte: professores Kanamari, 2007

⁵ Curabi, 30 pessoas, fonte: professores Kanamari, 2007

povos foram criados pelo irmão de Tamah , Kirak.⁶

⁶ Segundo os relatos dos Kanamari com o qual o pesquisador Luiz Costa tinha contato": A divindade após criar os Kanamari, partiu para Manaus e os deixou vivendo nos afluentes do médio curso do rio Juruá, do qual eles são provavelmente os ocupantes mais antigos. Cada sub-grupo estaria localizado em um afluente ou trecho de afluente, casando-se preferencialmente de forma endogâmica e realizando visitas mútuas. Estes sub-grupos se encontravam sobre a liderança de um ou mais chefes, divididos em aldeias situadas não só na calha principal destes afluentes mas também em pequenos igarapés e se articulavam internamente por relações de consanguinidade e afinidade efetiva. Entre os sub-grupos, que falavam idiomas mutuamente compreensíveis, vigiam relações de *-tawari*, caracterizadas por parcerias comerciais, trocas rituais e, eventualmente, casamentos. Estas relações eram sempre e necessariamente ambíguas, podendo atualizar possíveis tensões entre os *-dyapa* e também servir como caminho para acusações de feitiçaria. Uma outra face desta ambiguidade aparecia nas brigas ritualizadas de couro de peixe-boi, praticadas principalmente entre pessoas de sub-grupos distintos. Tais lutas, porém, eram também praticadas contra os Kulina (Arawá) do Juruá, povo que dizem ter sido criado após um equívoco de *Kirak*, irmão *trickster* do Criador, e que são tidos como uma espécie de *-tawari* potencializados dos Kanamari. Nessas ocasiões, os sub-grupos reuniam-se para visitar aldeias kulina durante festas de cauinagem. Distantes dos Kulina, e a montante dos Kanamari, viviam os temíveis *Dyapa*, termo genérico para povos falantes de línguas pano, com os quais nenhuma relação social à exceção de guerra era possível." Os Outros dos Outros: os Kanamari no Vale do Javari, Luiz Costa, Museu Nacional – UFRJ,

Dados sobre o Marinawa

Dados coletados coletivamente na aldeia Matrinxã, no igarapé Matrinxã, no dia 27 de maio de 2009.

Os kanamari diferenciam entre doenças transmissíveis e não transmissíveis. O responsável por curar as doenças transmissíveis é o marinawa (que também é o responsável por preparar o ayahuasca). Para curar a pessoa enferma o marinawa prepara uma bebida – conhecida como ayahuasca ou rami – feita de um cipó e a folha de uma árvore; a noite e depois de preparada a bebida o marinawa a toma para poder ver a doença, então fuma seu cachimbo e sopra toda fumaça no corpo do enfermo. Depois de terminar o “ritual” ele deita em sua rede e começa a cantar músicas. Se no outro dia o paciente ainda não estiver melhor o marinawa vai novamente para o mato e buscar a folha de uma outra árvore, machuca ela numa panela com água e põe para esquentar. Depois d'água estar aquecida o marinawa lava a pessoa enferma por inteira com essa água. Se a pessoa estiver melhor, bom, caso contrário tem que ir para a cidade em busca de tratamento.

Casamento

O casamento começa sempre com o namoro, mas diferentemente dos não-indígenas o namoro dura pouco tempo, logo se casa. O namoro começa com um aperto de mão. O rapaz pega na mão da moça, com quem deseja namorar, e se seu gesto for retribuído significa que a moça também quer namorar. Então, no outro dia, o rapaz vai pescar e quando volta manda todo o peixe para a moça. A moça faz o mesmo, vai para o roçado, ranca macaxeira e faz caiçuma e manda para o rapaz. Fazem isso por algum tempo até que o rapaz pede para o pai da moça se poderia com ela casar, geralmente o pai consente. Então, o rapaz levava duas maqueiras (rede de algodão que é feita pelo próprio povo até hoje), a dele e a da sua futura esposa, para a casa do pai da moça. O rapaz arma as maqueiras ao lado das maqueiras dos pais da moça. Primeiro ele arma a maqueira da moça e por baixo desta ele arma a sua. Deitados em suas maqueiras o rapaz pega um abanador, feito de palha, e por algum tempo abana os pais da moça. Depois disso o rapaz e a moça são considerados casados, constroem sua própria casa e fazem seu próprio roçado.

FESTAS

Kohana

A maior festa é chamada de *korana*, dura aproximadamente um mês. Primeiro se convida outras aldeias kanamari. Então, quando o pessoal chega todos ficam animados e se preparam para começar a festejar. Os homens se organizam e vão para o mato tirar o olho do buriti (uma espécie de palha, só que em vez de seca é verde) para fazerem as roupas para vestirem quando forem dançar e cantar no terreiro. O nome que os kanamari dão a essa roupa é *wakowama*. A vestimenta é formada de duas peças. Uma espécie de camisa vai da cabeça ao quadril. E outra vai dos quadris até os pés, uma espécie de saia. A vestimenta encobre praticamente todo o corpo.

As mulheres confeccionam uma espécie de chapéu que chamam de *kitah*. A noite se reúnem-se no terreiro, dançam e cantam até começarem a surgir os primeiros raios de sol no horizonte. Dormem um pouco, mas logo voltam a atividade. As mulheres começam a preparar a caiçuma e os homens vão para o mato, longe da aldeia, pescar. Quando pegaram bastante peixe tocam, bem alto, uma buzina para que as mulheres na aldeia saibam que os homens estão prontos. Nisso, as mulheres começam a cantar e dançar na aldeia a espera dos homens. Quando estes estão próximos da aldeia, deixam seus paneiros ali mesmo no mato e vão para a aldeia, sem nada. Então, é a vez das mulheres irem buscar os peixes. Voltando à aldeia preparam a comida que é consumida por todos, conjuntamente. Depois de terminarem de comer as mulheres trazem a caiçuma que haviam preparado e toda a bebida é consumida; depois disso, colocam rapé no beijo inferior e vão banhar. Quando o sol começa a se esconder, por volta das seis horas da tarde, recomeçam a dançar e cantar até que o sol ressurgja no horizonte. Assim fazem todos os dias durante uma lua (um mês).

Essa festa é realizada no período em que as águas na amazônia estão no seu limite mínimo,

(período de julho a novembro) tendo assim uma maior abundância em peixes. O mês mais adequado, segundo os kanamari, é julho.

Algumas informações adicionais se encontram na cartilha: Araci Maria Labiak. Aspectos da cultura Kanamari. p.13.

Pida – Festa da onça

*narrado pelo professor Pima Cleuzael Kanamari
na aldeia Flexal em 25 de março de 2009*

Bem cedo do dia o tuxaua reúne os homens no terreiro, a mulher do tuxaua reúne as mulheres. Junto com o tuxaua os homens saem para a floresta onde uns fazem a retirada do olho do buriti, para fazer os enfeites que serão usados para a festa, e outros vão pescar e caçar. A retirada do olho do buriti é feito sem que as mulheres vejam, isso para que não quebre o processo do ritual. As mulheres vão até a roça arrancar macaxeira que será usada no preparo da caiçuma. No local da retirada do olho do buriti é feito os enfeites, os homens permanecem na floresta enquanto as mulheres estão na aldeia preparando a caiçuma. Esse processo, de as mulheres irem para o roçado e os homens caçar, é realizado todos os dias, enquanto durar a festa.

As 6 horas da tarde ainda na floresta, os homens batem na sacupema (árvore de grande porte) por 15 minutos, anunciando que estão chegando na aldeia. Retornando a aldeia, se concentram no centro do terreiro onde começam a dança. As mulheres passam servindo caiçuma enquanto os demais estão dançando.

Para o início da dança são feitas duas filas, sendo uma com os homens e outra com as mulheres, uma de frente com a outra. Durante a dança a música é cantada pelos homens, todos de braços dados acompanhados pelas mulheres. A dança dura a noite toda, durante a festa a caiçuma passa a ser servida pelos homens.

Durante a festa ninguém pode namorar ou ter algum tipo de relação, acreditam que se isso acontecer a aldeia poderá ser maldiçoada. Para evitar namoros, dentre os homens são escolhidos dois que recebem o nome de polícia, um vigiará os homens e o outro as mulheres. A vigilância é intensiva e severa durante toda a festa. Aqueles que ousam descumprir a ordem e forem pegos namorando, serão castigados severamente pelos policiais.

O encerramento da festa é feito bem cedo do dia pelo Tuxaua informando as mulheres; dependendo da vontade delas, a festa poder continuar. Encerrada a festa todos os homens se reúnem e vão para o mato caçar e pescar durante 5 dias. Esse alimento é uma forma de recompensar (pagar) as mulheres por terem dançado nesse período. Quando os homens voltam com a caça e pesca, tiram um vara e nela colocam tudo que conseguiram nesses dias.

O período apropriado para a realização da festa é no verão (entre julho e setembro) e dura aproximadamente 15 dias. Durante toda a festa a animação é vital, uma forma de se confraternizarem com os demais parentes, esses que convidam parentes de outras aldeias.

Informações interessantes a respeito podem ser encontradas no livro: Araci Maria Labiak. *Frutos do Céu e Frutos da Terra: aspectos da cosmologia kanamari no Warapekom.* p. 151-155.

Kiriwino (pesquisar)

MITOS

Mito do fogo – contado por Hidoni (Pedro) Kanamari na aldeia Matrinxã do igarapé Matrinxã, afluente do Juruá, no dia 26 de maio de 2009. Traduzido por Dapuma (André) Kanamari, no outro dia.

Vou contar a história do fogo. Antigamente não tínhamos fogo, somente os possuíam o fogo. Os macaco prego colocaram o fogo dentro de alguns potes, no alto de uma árvore grande. Os outros animais queriam apagar o fogo, pois tinham medo dele. O fogo era usado para assar a carne dos animais. Assim, queriam apagá-lo, mas não conseguiam, pois estava muito alto. Então chamaram o veado, que era o animal mais alto, para derrubar o fogo. O veado foi derrubando os potes, um por um. Os animais pisoteavam as brasas na tentativa de apagar o fogo para ninguém mais possuí-lo. A coruja queria pegar uma brasa, mas os outros animais tentavam impedi-la. Mesmo assim ela conseguiu pegar uma brasa e a levou para o sapo, mas o sapo não queria o fogo e o apagou. A coruja voltou e pegou outra brasa novamente, agora, levando esta para o vagalume. O vagalume ascendeu o fogo no alto de um pau seco. O pau queimou até o chão. Nisso, enquanto os animais tentavam apagar o fogo que os macacos possuíam, viram uma fumaça longe, era a fumaça do pau que o vagalume havia ascendido. Os animais perguntaram: “Quem roubou o fogo e o levou pra longe?”. O macaco, que havia visto tudo, denunciou a coruja: “Foi a coruja”. Todos os animais ficaram com raiva, fizeram uma reunião e cada animal deu uma bronca na coruja e a mandaram embora. A coruja foi embora e acabou encontrando os *tukuna* (como os *kanamari* se autodenominam), que não sabiam fazer fogo. A coruja os ensinou a fazerem fogo com um instrumento feito de madeira.

Antes da coruja roubar e ensinar os *tukuna* a fazerem fogo os animais viviam todos juntos, jacaré, anta, queixada, veado, porquinho do mato, cutia, macaco e etc., mas depois todos se dividiram conforme a espécie.

Mito da mulher que criou a onça – contado por Hidoni (Pedro) Kanamari na aldeia Matrinxã do igarapé Matrinxã, afluente do Juruá, no dia 26 de maio de 2009. Traduzido por Dapuma (André) Kanamari, no outro dia.

Antigamente uma mulher chamada Wahiyah fez uma onça pequena, jaguatirica, com barro. Depois de ter moldado o barro colocou sobre ele uma grande cuia. Durante a noite aquela jaguatirica de barro virou uma jaguatirica de verdade, com vida. A jaguatirica foi feita pela mulher para que caçasse para ela. Todos os dias a jaguatirica ia caçar para a mulher, mas trazia somente nambu. A mulher resolveu fazer uma onça maior, para que está trouxesse outros animais para ela. Fez então a onça pintada, com o mesmo processo da jaguatirica. A fez com barro e após moldada colocou sobre ela a grande cuia. A noite o barro virou onça pintada. A onça pintada foi, então, caçar e trouxe um queixada. A mulher ficou contente. No outro dia a onça lhe trouxe uma anta, no outro um porquinho do mato e assim por diante. A onça pintada conseguia trazer caça grande. Então um dia a mulher conversou com a onça pintada e disse para ela não ir caçar muito longe da casa, pois a mulher tinha um irmão trabalhando lá longe no mato. No outro dia a onça pintada foi caçar novamente. A onça pensou: “nessa direção Wahiyah me proibiu de ir, mesmo assim vou para lá ver o que há”. A onça foi e de longe conseguiu ouvir o barulho do machado cortando madeira, ficou curiosa. Foi ver o que era, viu gente mas não reconheceu, matou o irmão de Wahiyah. Cortou-o no meio e levou a parte debaixo da cintura para a mulher. Chegando na casa a onça perguntou para a mulher: “Você come essa caça?” A mulher sabia que era seu irmão e respondeu: “Não, eu não como essa caça”. Então, pegou os restos de seu irmão e enterrou. A mulher ficou com raiva da onça, agora, queria matá-la. Outro dia a onça saiu novamente para buscar caça, nisso a mulher chamou um casal de jabutis para ajudar a matar a onça. Já estava tudo organizado, faltava a onça chegar. Nesse dia a onça caçou um porquinho do mato e o trouxe para casa. A mulher preparou a comida com a caça, quando estava pronta a onça sentou numa espécie de cadeira, que na realidade era o casal de jabutis disfarçado. Então, os jabutis morderam com toda a força o pênis da onça. A onça pulava, se esperneava, urrava, mas os jabutis só soltaram quando a onça morreu. Depois que a onça morreu a mulher retirou dela dois fios de bigode para novamente fazer onça. Colocou os bigodes no chão e sobre eles a grande cuia. Fez um casal de onças. As onças com raiva conversaram com a mulher assim: “Não vou mais viver com você nesta casa, vou embora viver no mato”. Então o casal

foi embora para o mato. Por isso que até hoje a onça mate gente.

Mito das ariranhas – contado por Hidoni (Pedro) Kanamari na aldeia Matrinxã do igarapé Matrinxã, afluyente do Juruá, no dia 26 de maio de 2009. Traduzido por Dapuma (André) Kanamari, no outro dia.

Um dia as mulheres foram buscar macaxeira no roçado, depois de terem retirado o suficiente foram banhar no igarapé. Depois de terem banhado chamaram as ariranhas para terem relações sexuais com elas. Cada ariranha trouxe peixe. Depois de terem se relacionado, as mulheres ganharam os peixes. Então, voltaram para a aldeia com seus paneiros cheios de peixes. Os homens perguntaram: “onde vocês pegaram esses peixes”. Elas responderam: “pegamos os peixes numa armadilha (chamada na língua por *mayako*)”. Mas estavam enganando os homens, pois quem pegou os peixes foram as ariranhas. Todos os dias elas iam para o roçado buscar macaxeira e voltavam para a aldeia com muitos peixes.

Os homens ficaram desconfiados, pediram para o pajé mandar seu espírito lá onde as mulheres banhavam. As mulheres ainda não tinham chegado, o espírito do pajé se escondeu numa árvore. Chegaram as mulheres, banharam, depois se pintaram e, então, chamaram as ariranhas e com elas tiveram relações. Depois das ariranhas terem ido embora, e enquanto as mulheres pegavam os peixes, o espírito do pajé pulou na água. A filha do pajé reconheceu o espírito do pai, então as mulheres ficaram com medo, pois sabiam que o espírito contaria tudo aos homens. O espírito do pajé correu na frente das mulheres e chegando na aldeia contou tudo pajé, agora os homens haviam descoberto a farsa.

No outro dia os homens mandaram as mulheres capinarem o roçado para que, assim, demorassem mais. Os homens foram para o igarapé, banharam e se pintaram como as mulheres. Prepararam as armadilhas com *mayako* para matar as ariranhas. Tudo preparado chamaram as ariranhas. Estas, pensaram que eram as mulheres que estavam chamando, então vieram. Os homens haviam escondido seus pênis entre as pernas, e entre os joelhos seguravam a armadilha. Assim, quando as ariranhas vinham para se relacionar os homens as pegavam e jogavam dentro da armadilha. Todos faziam assim. Somente uma ariranha conseguiu escapar.

Para apagar os rastros que haviam ficado, os homens imitaram os rastros dos queixadas. Depois voltaram para a aldeia. Cortaram o pênis das ariranhas e penduraram na porta da casa para as mulheres saberem que as ariranhas haviam sido mortas. Então, foram buscar espinho de tucum para açoitar as mulheres. Propositalmente enfiaram espinhos nos pés para enganar as mulheres.

Quando as mulheres terminaram de capinar foram para o igarapé. Após terem banhado chamaram as ariranhas, mas veio somente uma, então pensaram que poderiam estar muito longe e disseram: “vamos deixar, outro dia a gente volta novamente.” Foram para a aldeia e quando chegaram, os homens chamaram-nas para retirarem os espinhos de seus pés. Cada mulher, na sua casa, sentou exatamente em baixo de onde estava pendurado o pênis da ariranha. Então uma sentiu a banha pingar-lhe na cabeça, então perguntou: “O que é isso?” O homem respondeu: “É pênis de queixada.” Antes que as mulheres pudessem desconfiar os homens as pegaram e as açoitaram com os espinhos de tucum. As mulheres acabaram fugindo para o mato e se transformaram, logo em seguida voltaram para a aldeia quebrando tudo e novamente fugiram para o mato. Duas crianças foram atrás de suas mães, que agora eram queixada. Chegaram num pau muito grande que estava caído, e não havia como por ele passar. As crianças se transformaram em gavião. Assim eles sempre avisam quando os queixadas estão perto. Quando o gavião canta perto do amanhecer em volta da aldeia, significa que os queixadas estão perto.

A criação do mundo

Escrito pelo professor Ahe Joabes Kanamari na aldeia Taquara, Carauari, em março de 2009

Antigamente, no início do mundo não existia nenhum homem kanamari e nem outros povos.

Tamah e Kirak, os dois companheiros irmãos, dão origem ao mundo kanamri. O primeiro homem que surgiu na face da terra foi Tamah. Ele nasceu de uma grande árvore misteriosa. Tamah viveu muitos anos sozinho, com o tempo começou a sentir falta de companhia, então criou Kirak, seu irmão. Tamah e Kirak tinham poderes especiais. Eles eram, e são até hoje, os mais sábios do mundo, por isso no dia seguinte tiveram uma boa idéia. Criaram os seres humanos Kanamari dos cocos abençoados Aricuri pequeno, dos cocos Aricuri grande e outras frutas criaram as outras nações humanas.

Foi assim que os poderosos criaram os seres humanos através de cocos e frutas. Tamah desceu do pé de Aricuri e disse, olhando para os caroços que haviam caído: “Esses são meus filhos, eles serão obedientes as minhas palavras, eles estão ao meu lado e eu estarei com eles sempre onde quer que estejam”.

Portanto é muito bom ser Kamamari, viver no mundo de alegria, solidariedade, ânimo. Praticando esportes, realizando festas e rituais, dando continuidade as nossas crenças, fazendo nossa comida tradicional, enfim, vivendo nossa cultura. Me orgulho de ser Kanamari, somos frutos do céu e frutos da terra.

Depoimentos:

Depoimento coletado por Walter Sass no dia 25 de maio de 2009 na aldeia Irmão Unido no rio Xerua (município de Itamarati-AM), do professor Manoel Daora Kanamari.

Carta aos irmão não-índio, para todas as gerações, sobre a mudança climática

Meus amigos, chega de fazer poluição e desmatar a floresta. Não destruam mais as árvores, a natureza, porque são elas que protegem a terra e armazenam a água. Se forem destruídas não haverá mais água. Nós podemos desaparecer por falta de água, por isso, por favor, parem de poluir o ar, a atmosfera que não agüenta mais tanta poluição. Também nós podemos desaparecer sob essa seca, podemos até ser castigados sobre o fogo com nossas atitudes. Além disso, parece que quanto mais poluição mais doenças diferentes surgem. Vamos parar com essas industrias que só geram calor e seca; vamos parar para que possamos nos refrescar um pouco mais. Quando não existia não-indígenas aqui, não havia tanta doença nem tanto calor (quentura).

Meus irmãos, meus amigos, nós indígenas não poluímos a atmosfera nem poluímos a natureza. Nós indígenas vivemos sem nenhuma industria, por quê vocês não-indígenas não podem viver? Sinto que vocês também podem viver como nós, sem poluição e destruição. Nós indígenas podemos não conhecer muito de livros [ciência], mas sabemos respeitar a natureza, não poluímos ou destruímos a mata irresponsavelmente. Fazemos isso porque reconhecemos que as árvores também têm vida, como a gente. Não poluímos o ar porque reconhecemos que o ar é o nosso ar, precisamos dele para respirarmos, para continuarmos vivos. Se poluímos o ar, pegaremos doença que nós mesmos criamos, por poluímos o ar. Nós indígenas precisamos do ar, por isso que o respeitamos.

Meus amigos não-indígenas, se vocês não sabem que precisamos do ar para sobreviver agora saberão. Vocês são homens da ciência e de leis, mas não aprenderam a respeitar o ar, a natureza. Se vocês não conhecem sobre o natureza e o sobrenatural poderão conhecer agora conosco. Meus amigos, eu sou índio e fico refletindo: os não-indígenas são muito inteligentes, mas parecem não conhecer nada. Pois eu sou índio e reconheço a natureza, o ar, a atmosfera, os rios, a mata.

• Depoimento de Hidoni Pedro Kanamari na aldeia Matrinxã do igarapé Matrinxã, afluente do Juruá, no dia 27 de maio de 2009. Traduzido por Dapuma (André) Kanamari, no mesmo dia.

Antes não tinha professor o kanamari não estudava. Quando vendíamos borracha, na época da seringa, para os não-indígenas, nem sabíamos qual era o nosso saldo com o patrão. Eles sempre nos enganavam. A gente não sabia lidar com o dinheiro, não sabíamos quando deveríamos ganhar. A gente trabalhava dias inteiros e no final não ganhávamos quase nada. O não-indígena sempre estava em nossa área para tirar seringa, madeira, caça, pesca e etc. Depois, quando a FUNAI chegou, nossa terra foi demarcada. Assim, não tinha mais não-indígena entrando em nossa terra para roubar nossa caça, nossa madeira. Agora o não-indígena não pode mais entrar em nossa terra sem nossa permissão. Antes a FUNAI não sabia que havia não-indígenas aqui na nossa terra, foi por causa de nossa luta e reivindicações que a FUNAI veio e demarcou nossa terra. O não-indígena sempre quer entrar em nossa terra, mas nós não deixamos mais.

• Depoimento escrito pelo professor Pima Cleuzael Kanamari da aldeia Flexal do rio Xeruã, afluente do rio Juruá, no dia 13 de junho de 2009.

Ser índio Kanamari é:

- usar a própria língua, produzir a própria comida, realizar as festas e cantar no terreiro
- cuidar e defender nossa terra
- não abandonar nossos costumes
- dividir o peixe e a caça
- gostar de beber caiçuma em conjunto
- ser unido e não brigar
- não deixar de se pintar
- reunir toda a aldeia para as festas
- não ter vergonha de falar a língua *tukuna*
- dançar *kuhana*
- participar das festas dos velhos
- fazer rituais
- cuidar dos alimentos produzidos pela terra e pela água

• Depoimento do professor Dapuma André Kanamari da aldeia *Matrinxã do igarapé Matrinxã*, afluente do Juruá, no dia 27 de maio de 2009 (não se preservou a fala original, mas a intenção do discurso, tendo em vista a dificuldade do português do depoente).

Eu vou contar um história de hoje. Antes do branco chegar não tínhamos demarcação e nós Kanamari vivíamos aqui no igarapé Matrinxã. Depois que o branco chegou, ele passou a morar na beira do Juruá (cerca de um a dois quilômetros da aldeia) e enganava muito os kanamari que tiravam seringa. Nesse tempo nós kanamari não tínhamos professor, não sabíamos fazer conta, por isso que o branco conseguia nos enganar quando vendíamos a seringa. Os branco nos enganavam no lápis. Além disso, havia muito madeireiro entrando na nossa terra para tirar madeira de lei. Também entravam muitos caçadores e pescadores na nossa terra.

A situação mudou depois que a FUNAI apareceu e demarcou nossa terra. Depois disso ficou melhor para os kanamari. Agora os brancos não entram mais na nossa terra, porque é proibido, é área indígena.

Texto construído conjuntamente na aldeia Matrinxã no dia 27 de maio de 2009.

Antigamente não tínhamos faca, machado, terçado, panela, sal, espingarda, motor de popa.

Não usávamos roupa de não-indígena e nem falávamos português; não tínhamos essas coisas de não-indígenas. Antigamente nós mesmos que fazíamos nossas panelas e pratos com barro. Fazíamos nossas próprias roupas com buriti ou envira ou de algodão. Nós mesmos fazíamos o fogo com um instrumento que chamamos de *ihitano*. A canoa era feita de casca de pau (arabá, jatobá, paxiubão), pois não tínhamos machado para cortar a árvore no meio. Caçávamos com zarabatana (maripu), arco (iwiyo), lança (drukuám), cacete (omamkitok); fazíamos também nosso próprio anzol (pina). Nossa faca era feita da lasca de taboca.

Para fazermos o roçado primeiro quebrávamos o mato com as próprias mãos, depois derrubávamos as árvores grandes cavando fundo ao redor do seu tronco.

Ainda que hoje usamos muitos instrumentos de não-indígenas não deixamos de ser Kanamari, porque ainda guardamos nossa religião, o pajé (tukunabauh) ainda faz cura, ainda falamos nossa língua, ainda contamos nossos mitos para os mais jovens, ainda fazemos nosso artesanato como antigamente (cesto, paneiro, pote de barro, abano para foto, vassoura, maqueira, kitah [chapéu], pulseira, cinturão de envira e tauari para usar e para carregar criança); ainda fazemos nossas festas como o *kohana*, brincadeiras como o *tiri*; ainda fazemos certos alimentos como tapioca, beiju, caçuma de macaxeira e banana; ainda pintamos nossos corpos como antigamente; ainda caçamos como antigamente; ainda moramos em aldeia como antigamente. Isso mostra que guardamos muito de nossa cultura.

Cantos Kanamari

1. Música para Queimada do Roçado

Informações de Edmilson Panawâ Kanamari da aldeia Flexal, Itamarati-AM, coletadas no dia 24 de maio de 2009.

Djá Tsikarãm tso minho djá tsikarãm ayo ayo koneyôhirantso koneyôhirantso koneyôhirantso anteh waúnenteh kotâitsobo ayo anteh waúnenteh kotâtsobo ayo ayo wiriya ayo wiriya ayohi ayohi.

Minha irmã já é o tempo das cigarras cantarem. Minhas irmãs já é o tempo das cigarras cantarem o tempo de muito sol. As cigarras começaram a cantar agora. As cigarras começaram a cantar agora. Nós queremos que você beba a caiçuma também. Nós queremos que você beba a caiçuma também. Cigarrinha, cigarrinha nos ajude para que o roçado queime bem, para termos muito alimento, para termos muita caiçuma. O Espírito da Mata, ouça a nossa cantiga e o nosso pedido!

Contador de Histórias e de Músicas. Ele acrescenta: Essa música é para queimar bem o roçado pedindo ajuda e força do Espírito da Mata. A música pede força à cigarra para que o verão seja bom. Nós bebemos caiçuma de dia enquanto a cigarra se alimenta das folhas que caem no chão. Por isso pedimos força dela para nos e ela se alimentar.

2. Música para Caçar durante a Festa

Yotôro nautsaksakmam nentam adâh, yotôro nautsaksakmam nentam adâh patâh dau-aêm aêm djinem kotâdah patâh dau-aêm aêm djinem kotâdah am adâh am adâh am adâh.

A anta pisa, pisa as frutas, a anta pisa, pisa as frutas. Mas eu continuo dando frutos, mas eu continuo dando frutos assim eu sou, assim eu sou, assim eu sou.

O professor Manoel Daora Kanamari da aldeia Irmãos Unidos, Itamarati-AM anotou, no dia 14 de junho de 2009, a música do seu pai Tsimó Mistil Kanamari, contador de histórias e músicas e explica:

Na festa o pajé canta muito, o Nomam (cantador) também.

A música acima significa para o dono da caça (a onça) que estamos ensinando os animais sobre as frutas. Então o dono das caças fica muito alegre. A festa no terreiro é muito importante e os espíritos ficam alegres. Como o espírito da onça é dono da caça e o dono dos peixes eles descem para a terra para ouvir a música. Junto ao espírito da mata todos estão no terreiro cantando com o pajé. Por isso, quando os caçadores vão caçar ele cantam para alegrar o espírito da mata, o dono da caça para que os caçadores encontrem rapidamente a caça.

3. Música para a Derrubada da Mata

Nomam tusawa nhobâ adâh whaina hinam, nomam tusawa nhobâ adâh whaina hinam. Manhã ôtsarimahem amâ Manhã ôtsarimahem amâ. Djawi djawi natah ôdahina dahinam, djahinam, djahi djahi natah ôdahina odjahinam odjahinam.

Ômam manhã kururowim, kururowim, kururowim...

Ômam manhã kururowim, kururowim, kururowim...

Chefe da mata eu vou a tua busca, chefe da mata eu vou a tua busca para desmatar e derrubar a mata, desmatar e derrubar a mata. Todos nós estamos reunidos, todos nós estamos reunidos te pedindo que não fiques com raiva de nós. Estamos cantando para ti, fazendo o sacrifício para te alegrar mais. Por que nós vamos destruir a tua mata, por isso que oferecemos este sacrifício com

esta música com respeito a ti para não acontecer problema algum. Silenciem-se árvores, pois nós já sacrificamos ao seu dono e recebemos a autorização do Wanah para derrubarem vocês.

Manoel Daora Kanamari, professor da aldeia Irmãos Unidos , em 09 de junho de 2009, Itamarati-AM

Ele explica ainda: O dono da terra é Wanah. Por isso temos esta oração para pedir autorização do dono da terra para que não fiquemos doentes, as onças e cobras se afastem de nós com a ajuda de Tamah Kodoh Wara – Tamah do Céu.

4. A Música da Estrela que desaparece e chega de novo

Dataikobak adâh kotâh, royai, royai,
Dataikobak adâh kotâh, royai, royai
Anem imadaupara miyohiwâ, anem ,
imadaupara miyohiwâ, royai, royai,
adjabatam katâh edekbo, royai, royai
adjabatam katâh edekbo, royai, royai.

Espera eu também, estrela royai, royai.
Espera eu também, estrela royai, royai.
Quero amanhecer o dia com meus irmãos.
Quero amanhecer o dia com meus irmãos.

O cantor desta música é o meu pai Tsimo Mistil Kanamari da aldeia Imãos Unidos, Itamarati-AM, coletado no dia 23 de junho de 2009. Cantamos esta, música no amanhecer do dia na festa no terreiro, mas quem sabe pode cantar a qualquer hora, se quiser, esta música.
Professor Manoel Daora Kanamari, aldeia Irmãos Unidos/Itamarati-AM

5. Música para Pesca

Koya tsainem novadji koya tsainem novadji ôkabobokam ôkabobokam
yawari yawari. Adâh itûh Djawaironatso adâh itûh djawaironatso itûh tsabau djahi itûh tsabaudjahi.

Eu vou para a beira do igarapé, eu vou para a beira do igarapé cantando, cantando e dizendo ‘ cai muito coco Joari na beira do igarapé’. Os peixes estão respondendo: ” Nós vamos comer, nós vamos comer, ficaremos com o rabo de fora, ficaremos com o rabo de fora”.

Contador da Música Tsimo Mistil Kanamari, aldeia Irmãos Unidos, Itamarati-AM

Anotado pelo professor Manoel Daora Kanamari, aldeia Irmãos Unidos, Itamarati-AM, 14 de junho de 2009.

Ele explica: Quando a gente canta esta música a Mãe da Água manda os peixes comerem os cocos Joari e quer ajudar a pessoa que cantou. Os Kanamari cantam esta música na festa no terreiro ou quando vão pescar com flechas ou anzóis para que os peixes fiquem mansos, para a felicidade de todos. Enfim, também para que o dono do peixe saiba que vamos pescar. Nós cantamos esta música para o dono do peixe saber que aqui estão caíndo muitas frutas e para que fique animado.

Educação Kanamari

Professor Pima Cleuzael Kanamari, aldeia Flexal, Itamarati-AM, 20 de junho de 2009

Nós Kanamari temos o nosso jeito de educar adultos, jovens e crianças nas nossas aldeias. Nós educamos as crianças e os jovens sobre os mitos, músicas, costumes, medicina tradicional, casamento, pintura corporal e muitas outras coisas da nossa vida.

O pai ensina os filhos e a mãe ensina as filhas acompanhando a vida de cada um. O pai ensina a caçar, pescar e a mãe ensina a trabalhar no roçado e na casa. A educação tradicional é importante para os futuros Kanamari não esquecer os conhecimentos dos antepassados. É importante também para valorizar e defender a nossa terra, educação, saúde e para uma vivência boa.

Os cantadores são os mais velhos da aldeia que ensinam os jovens para ser cantadores da aldeia para não esquecer os cantos dos Kanamari.

A História do nosso Povo na época da borracha

Antigamente os mais velhos trabalhavam muito mais. Eles não ganhavam nada no tempo da borracha, sorva, caucho. Nesta época eles viviam como escravos. Eles não podiam plantar. Só faziam compras de farinha e mercadoria em troca de produtos de borracha. Os cariú (não indígena) enganavam no peso da borracha e na mercadoria.

Professor TonAntônio Alexandre Kanamari, Aldeia São João, rio Xeruã-Curabi/Itamarati-AM

20 de junho de 2009

A Importância do Curador

O nosso curador é muito importante na nossa religião indígena. Ele é importante para curar as crianças e adultos da aldeia. Ele não faz mal a ninguém. Antigamente era assim, e também até hoje funciona desta maneira.

Professor Pima Cleuzael Kanamari, Aldeia Flexal, rio Xeruã, Itamarati-AM

7 de junho de 2009

A Religião Kanamari

Cada povo indígena tem uma religião diferente. Diferente é a língua materna, as brincadeiras, os costumes, o casamento, a vivência, as músicas e os conhecimentos. A nossa religião Kanamari é diferente de religiões de outros povos indígenas e dos brancos também.

Professor Pima Cleuzael Kanamari, Aldeia Flexal, rio Xeruã, Itamarati-AM

7 de junho de 2009

O Pajé Kanamari

Professor Manoel Daora Kanamari, aldeia Irmãos Unidos, Itamarati-AM, 9 de junho de 2009

Para se tornar pajé é precisa obedecer a uma dieta na alimentação. Ele só pode comer traíra pequena e um pedaço de macaxeira branca. O aprendiz aprende com outro pajé mais velho. O aprendiz tem que treinar o uso do rapé(obadem) que é usado para as curas. Ele tem que andar sozinho na mata e chega somente à noite em casa. Ele não pode olhar para as mulheres. Ele tem que andar devagar na mata para não bater os pés no toco de árvores. Depois de seis a sete meses ele coloca djohko⁷ com a própria mão na barriga e vai ser encantado. Depois de ser encantado na água ele se transforma em cobra, jacaré e outros animais que vivem na água. Um dia depois ele pode voltar para casa. Depois disso ele vai de novo para a mata para ser encantado na terra firme transformando-se em onça, tamanduá-bandeira e outros animais da terra firme. Para se transformar em animais da terra firme ou da água depende de qual espírito de animal, tipo de djohko, que ele introduziu em seu coloca em seu corpo. O pajé pode pegar o espírito de quem morreu. Quando alguém morreu ele pode também colocar djohko no estômago do finado. O pajé pode matar outros com o djohko.

Informações coletadas conjuntamente na aldeia Matrinxã no dia 26 de maio de 2009.

As doenças não transmissíveis são caracterizadas como feitiço jogado por um pajé (pajé = *tukunabauh*). Esse feitiço (djohko) é materializado numa pedra que os pajés sempre carregam consigo, dentro do seu próprio corpo. Para jogar esse feitiço, essa pedra em uma pessoa, o pajé a retira de seu corpo e num único movimento a joga na pessoa a qual quer que seja enfeitizada. A pessoa enfeitizada tem a característica de uma pessoa doente, mas essa doença não é transmitida para outras. O responsável por curar essas doenças não transmissíveis é o pajé, mas nunca o mesmo que jogou o feitiço. Para retirar a pedra o pajé usa o *obadem* (rapé). Assim, ele consegue identificar o local onde a pedra se encontra no corpo do enfermo. Após identificar o local, o pajé, por sucção, retira a pedra, cuspendo-a fora.

Omandak Ónham - Rezador

Informações coletadas do próprio omandak ónham, seu Pino Kanamari da aldeia Matrinxã, no dia 26 de maio de 2009, município de Eirunepé-AM.

Existe um tipo de enfermidade que ocorre somente com crianças de até três anos de idade. Para curar esse tipo de enfermidade existe o *omandak ónham* (os kanamari chamam essa pessoa no português por *rezador*). O *omandak ónham* vai para o mato e retira a casca de uma árvore que na língua kanamari chama-se *omandak*. Depois de retirar a casca da árvore, volta para a aldeia e numa panela com água fresca deixa repousar por um dia. No outro dia a noite o *omandak ónham* bebe esse líquido e vai para o mato, chegando lá produz um som repetidamente com a boca para chamar as almas dos animais. Pois acreditam que quando uma criança está doente provavelmente a alma de um animal pode estar tentando roubar a alma da criança. Assim, se aparecer alma de queixada, significa que os queixadas estão tentando roubar a alma da criança, se aparecer alma de onça, significa que a onça está tentando roubar a alma da criança e assim por diante. Se aparecer alguma alma diante do *omandak ónham*, este assopra fortemente o ar espantando tal alma para longe; se não aparecer alma alguma significa que a enfermidade da criança é outra.

Informações escritas, no dia 7 de junho, pelo professor Manoel Daora Kanamari da aldeia Irmão Unido, município de Itamarati-AM.

Para realizar a cura de uma criança o *omandak ónham* (rezador) retira a casca de uma árvore específica (que se chama *omandak*) e a coloca para secar. No dia seguinte o rezador põe essa casca

7

pedras que são a materialização dos males que atingem as pessoas. Após a identificação e distinção das pedras o pajé tira as pedras e de apalpar o corpo de um doente por sucção.

no fogo e as suas cinzas ele mistura com o rapé (obadem). Então ele aspira esse rapé especial, vai até a criança e suga de seu ouvido algo. Depois vai para mata, limpa um pequeno espaço no chão e se põe de joelho e começa a orar chamando o espírito da criança doente. Se a doença for provocada por espírito de algum animal o rezador conseguirá identificá-lo, pois virá acompanhado do espírito da criança. Assim, quando o espírito da criança aparece o rezador o manda para casa e espanta o espírito do animal para a mata. Então, o rezador volta para aldeia, retira um galho com folhas verdes para usar como abano ao redor da cabeça da criança. Depois, ele fixa o galho nas palhas do teto da casa.

Esse tipo de doença ocorre principalmente em crianças até três anos de idade, podendo também ocorrer em adultos, que são atendidos também pelo rezador.

01/06/2009 – Aldeia Irmãos Unidos, prof. Manoel Daora Kanamari, município de Itamarati/AM
Quais as brincadeiras Kanamari?

Tsirih (Tsere): Os homens saem para coletar frutas na floresta ou pescar. Quando chegam perto da aldeia, assobiam como um macaco avisando as mulheres que eles estão chegando. As mulheres, então começam a cantar pedindo para que os homens tragam os frutos da coleta. Os homens adentram no terreiro da aldeia e as mulheres correm atrás deles até pegarem tudo o que eles coletaram.

Tsirih âh âh: Os homens pegam um cacho de banana madura ou qualquer outro tipo de fruta ou peixe e amarram com envira em uma haste de 4 a 6 metros e a fixam no centro do terreiro. Então as mulheres devem subir para pegar a prenda. Os homens tentam dificultar.

Tsumâ: Os homens pegam um abacaxi maduro e o enterram no terreiro escondido das mulheres e as desafiam para procurar a fruta. As mulheres procuram e, quando encontram a cova, tentam tirar o abacaxi, mas os homens dificultam. Vem todas as mulheres da aldeia para tentar pegar o abacaxi.

Marâh: Os homens trazem do roçado um feixe de cana amarrado com envira, cavam um buraco na terra e desafiam as mulheres para tomar as hastes de cana. Os homens seguram na ponta da haste e vão desafiando as mulheres até que eles cheguem no buraco. Daí as mulheres avançam para cima deles e pegam na outra ponta da haste da cana e fazem uma disputa semelhante ao cabo-de-guerra. A brincadeira acaba quando as mulheres conseguem tirar a cana do buraco ou quando elas quebram a cana.

“Tastevin (n.d.1, 48) fez uma observação incrível sobre os Kanamari, mas infelizmente a deixou quase em passant. Ele notou que os Kanamari que combinavam de se encontrar em algum lugar particular, mas por alguma razão declinavam do encontro, podiam produzir uma ‘carta geográfica’ gravada no tronco de uma árvore para comunicar aonde eles poderiam se encontrar depois. Estas eram instruções incrivelmente detalhadas, revelando onde se estaria, por quanto tempo se estaria, quanto tempo demorar-se-ia a chegar, quantos rios deveriam ser cruzados e assim por diante. Além disso, os bilhetes reproduzidos por Tastevin, exemplificando estas instruções, não se parecem com um mapa (ao menos para mim), mas sim com uma representação abstrata destas instruções, as quais Tastevin só poderia entender com a ajuda da pessoa que as gravou (na p. 49 de seu manuscrito, no entanto, ele reproduz outro exemplo mais representacional). Os desenhos gravados na árvore são consistentes com a categoria ‘akanaro’, o mesmo termo para ‘desenhos’ e ‘escrita’. Tastevin só viu isso uma vez, quando uma pessoa que estava atrasada pôde seguir as instruções exatamente como a outra pessoa as havia gravado. Eu não sei o quão generalizado era esse tipo de conhecimento, mas trata-se de uma prática marcadamente similar ao modo como Ioho and Dyaho usaram a escrita para mandar a mensagem para Preto Portugêis”⁸.

“*Kodana e Pida* são as principais entidades das festas do *Warapekom*. *Kohana* organiza a vida no *kodo(h)nake* [céu] e, no *warapekom*, atua como mediador entre os humano e demais entidades e personagens da cosmologia kanamari. *Peda* é a entidade provedora guardã da alimentação do *etsonem*, isto é, a alimentação criada por Tamakore e Kerak, que não necessita ser cultivada pelos humanos”⁹.

ocidental. Rio de Janeiro: UFRJ/MN/PPGAS, 2007. p. 100, nota 73.

⁹ LABIAK, Araci Maria. **Frutos do Céu e Frutos da Terra**: Aspectos da Cosmologia kanamari no Warapekom.

Dicionário de plantas cultivadas

Tawapam nem Mandioca
Makona Batata Cará
Tsanurâ eh Taioba
Makona nak nem Inhame
Piyo kom Ariá
Tso Pupunha
Kiripam pitsitsi nem Batata Doce
Natsi Milho

Tawi Goiaba
Piyorâki Caju
Mau na'am Cana
Bari Banana
Kumah Inga
Katsiyo nak nem Biriba
Dapôh horo nem Cupuaçu
Boradak Maracujá